



CONFLITOS, MANIPULAÇÕES E VALORES EM JOGO: ANÁLISE SEMIÓTICA DO CONTO “O FILHO” DE RUBEM FONSECA

CONFLICTS, MANIPULATIONS, AND VALUES AT STAKE: SEMIOTIC ANALYSIS OF THE SHORT STORY “O FILHO” BY RUBEM FONSECA

CONFLICTOS, MANIPULACIONES Y VALORES EN JUEGO: ANÁLISIS SEMIÓTICO DEL CUENTO “O FILHO” DE RUBEM FONSECA

Helena Teresinha Reinehr Stoffel¹, Elaine Daniela Ferreira da Silva², Elisangela Draghetti Schuh³, Gilberto Luiz Zattera⁴, Marcia Andreia Gayardo⁵, Michelle de Fátima Gonçalves⁶, Valéria Lúcia Albuquerque⁷, Vivian Cristina Borges Hashitani⁸, Wesley de Souza Lima⁹

575449

<https://doi.org/10.47820/recima21.v5i7.5449>

PUBLICADO: 07/2024

RESUMO

O objetivo do artigo é analisar o conto "O Filho", de Rubem Fonseca, examinando, por meio de uma abordagem semiótica, como os personagens e os conflitos são construídos e manipulados na narrativa e a relação dos sujeitos com o objeto (o bebê). A análise se desenvolve em três níveis: fundamental, narrativo e discursivo. No nível fundamental, são exploradas as oposições semânticas que estruturam o texto, enquanto no narrativo são identificados os papéis dos personagens e suas relações com os objetos de valor. No nível discursivo, destaca-se a presença de uma defesa ideológica por parte do autor, embora não explicitada, deixando ao leitor a interpretação dessa posição. A segunda parte do artigo discorre sobre a concepção de texto e textualidade, considerando-o como um "todo de sentido" que se estabelece na interação entre autor/leitor. A intertextualidade e a relação entre autor/texto/leitor são aspectos fundamentais abordados. "O Filho" é uma narrativa que traz no enredo a história de uma jovem, menor de idade, grávida de pai desconhecido, que inicialmente é manipulada pela mãe para que fizesse um aborto. No decorrer da narrativa, a mãe muda de ideia e planeja vender o bebê da filha para comprar uma dentadura. Há uma demonstração da brutalidade, perversão e monstrosidade.

¹ Mestrado em Educação com especialização em TICs - Universidad Europea del Atlántico - Espanha (UNEA). Especialização em Letras e em Educação Inclusiva. Graduada em Letras Português/Inglês. Professora de Metodologia de Pesquisa Científica e Revisora de textos acadêmicos.

² Mestranda em Educação com especialização em Formação de Professores - Universidad Europea del Atlántico - Espanha (UNEA), Graduação em Ciências Biológicas (FFPA) e Pós Graduação em Telemática na Educação (UFRPE). Prof^a Formadora no Núcleo de Tecnologia Municipal NTM/Arapiraca e no Núcleo Estratégico de Inovação e Tecnologia na Educação/SEDUC Alagoas.

³ Mestranda em Educação com especialização em Formação de Professores- Universidad Europea del Atlántico - Espanha (UNEA). Especialização em gestão escolar, supervisão, orientação e coordenação. Graduada em Pedagogia. Professora de Arte dos anos iniciais.

⁴ Mestrando em Educação com especialização em Formação de Professores - Universidad Europea del Atlántico - Espanha (UNEA) e Universidad Internacional Iberoamericana UNINI | México. Especialização em Ensino de Língua Portuguesa – Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Graduado em Letras Português/Inglês.

⁵ Mestranda em Educação com especialização em Formação de professores - Universidad Europea del Atlántico - Espanha (UNEA). Graduação em pedagogia e pós graduação em neuropsicopedagogia. Professora de educação infantil.

⁶ Mestranda em Educação com especialização em Gestão e organização de espaços educacionais (Universidad Europea del Atlántico/Espanha). Graduada em Letras (Faculdade Machado de Assis). Especialização em Letras português e Literatura (Faculdades Integradas de Jacarepaguá). Professora na Educação Infantil e no Ensino Fundamental.

⁷ Mestranda em Educação com especialização em TICs - Universidad Europea del Atlántico - Espanha (UNEA). Graduada em História.

⁸ Mestranda em Educação com especialização em formação de professores - Universidad Europea del Atlántico – Espanha. Pós Graduada em Neurociência Aplicada à Educação. Especialista em Docência no Ensino Superior, em Psicopedagogia e em educação especial e inclusiva. Palestrante.

⁹ Mestrando em Educação com especialização em TICs - Universidad Europea del Atlántico - Espanha (UNEA). Pós-graduado em design institucional e graduado em design digital. Coordenador de produção de material didático.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

CONFLITOS, MANIPULAÇÕES E VALORES EM JOGO: ANÁLISE SEMIÓTICA DO CONTO "O FILHO" DE RUBEM FONSECA
Helena Teresinha Reinehr Stoffel, Elaine Daniela Ferreira da Silva, Elisângela Draghetti Schuh, Gilberto Luiz Zattera,
Marcia Andreia Gayardo, Michelle de Fátima Gonçalves, Valéria Lúcia Albuquerque, Vivian Cristina Borges Hashitani, Wesley de Souza Lima

Rubem Fonseca fez uma crítica severa ao comércio de bebês e abordou os conflitos, as manipulações e a inversão de valores em relação à vida e à ganância por dinheiro.

PALAVRAS-CHAVE: Análise semiótica. O Filho. Rubem Fonseca. Conflitos. Manipulações.

ABSTRACT

The objective of the article is to analyze the short story "O Filho", by Rubem Fonseca, examining through a semiotic approach how the characters and conflicts are constructed and manipulated in the narrative, and the relationship between the subjects and the object (the baby). The analysis is developed at three levels: fundamental, narrative and discursive. At the fundamental level, the semantic oppositions that structure the text are explored, while at the narrative level, the roles of the characters and their relationships with objects of value are identified. At the discursive level, the presence of an ideological defense on the part of the author stands out, although not made explicit, leaving the reader to interpret this position. The second part of the article discusses the conception of text and textuality, considering it as a "whole of meaning" that is established in the interaction between author/reader. Intertextuality and the relationship between author/text/reader are fundamental aspects covered. "The Son" is a narrative that tells the story of a young girl, a minor, pregnant by an unknown father, who is initially manipulated by her mother into having an abortion. During the course of the narrative, the mother changes her mind and plans to sell her daughter's baby to buy dentures. There is a demonstration of brutality, perversion and monstrosity. Rubem Fonseca severely criticized the baby trade and addressed the conflicts, manipulations and inversion of values in relation to life and greed for money.

KEYWORDS: Semiotic analysis. The Son. Rubem Fonseca. Conflicts. Manipulations.

RESUMEN

El objetivo del artículo es analizar el cuento "O Filho", de Rubem Fonseca, examinando a través de un enfoque semiótico cómo se construyen y manipulan los personajes y los conflictos en la narrativa, y la relación entre los sujetos y el objeto (el bebé). El análisis se desarrolla en tres niveles: fundamental, narrativo y discursivo. En el nivel fundamental se exploran las oposiciones semánticas que estructuran el texto, mientras que en el nivel narrativo se identifican los roles de los personajes y sus relaciones con objetos de valor. A nivel discursivo destaca la presencia de una defensa ideológica por parte del autor, aunque no explícita, dejando al lector la interpretación de esta posición. La segunda parte del artículo discute la concepción de texto y textualidad, considerándolo como un "todo de significado" que se establece en la interacción entre autor/lector. La intertextualidad y la relación autor/texto/lector son aspectos fundamentales que se abordan. "El Hijo" es una narrativa que cuenta la historia de una joven, menor de edad, embarazada de un padre desconocido, que inicialmente es manipulada por su madre para que aborte. Durante el transcurso de la narración, la madre cambia de opinión y planea vender al bebé de su hija para comprarle una dentadura postiza. Hay una demostración de brutalidad, perversión y monstruosidad. Rubem Fonseca criticó duramente el comercio de bebés y abordó los conflictos, manipulaciones e inversión de valores en relación a la vida y la codicia por el dinero.

PALAVRAS CHAVE: Análisis semiótico. El Hijo. Rubém Fonseca. Conflictos. Manipulaciones.

INTRODUÇÃO

O objetivo geral deste artigo é analisar como os personagens e os conflitos são construídos e manipulados na narrativa do conto "O Filho", de Rubem Fonseca, utilizando a teoria semiótica para descrever a relação entre os sujeitos e os objetos de valor no texto. O corpus que constitui este artigo é um texto verbal pertencente ao gênero conto, é um dos 34 textos que compõem "Amálgama", uma coletânea Rubem Fonseca, que escreve desde 1953, mas seu primeiro livro de contos foi publicado em 1963. Analisou-se a narrativa com base no suporte teórico de Barros (2008), Barthes (2004), Eco (2008), Iser (2002), Lotman (2003), entre outros. São discutidos os processos de interpretação e



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

CONFLITOS, MANIPULAÇÕES E VALORES EM JOGO: ANÁLISE SEMIÓTICA DO CONTO “O FILHO” DE RUBEM FONSECA
Helena Teresinha Reinehr Stoffel, Elaine Daniela Ferreira da Silva, Elisangela Draghetti Schuh, Gilberto Luiz Zattera,
Marcia Andreia Gayardo, Michelle de Fátima Gonçalves, Valéria Lúcia Albuquerque, Vivian Cristina Borges Hashitani, Wesley de Souza Lima

reinterpretação necessários para dar vida ao texto, assim como a importância da produtividade do receptor na construção de significados.

Para nos auxiliar na busca desse propósito elencou-se os seguintes objetivos específicos: Investigar a estrutura da narrativa e os elementos linguísticos utilizados na construção de sentido no conto; Compreender a alternância de papéis entre os personagens e os efeitos de veracidade para entender como esses elementos contribuem para a criação de uma narrativa que instiga o leitor e o envolve na leitura; Explorar as dinâmicas de significação e construção de sentido no conto focando nas relações de conjunção e disjunção entre o sujeito e o objeto; Examinar os processos narrativos e discursivos no conto que envolvem Jéssica, a qual, representa o sujeito que está em conjunção com um objeto, a gravidez indesejada, e que é manipulada pela mãe que sugere o aborto, intensificando o estado disfórico de Jéssica.

Baseado nesses objetivos definiu-se a seguinte questão investigativa: Como os personagens e os conflitos no conto "O Filho", de Rubem Fonseca, são construídos e manipulados através de elementos semióticos que intercalam as relações de poder entre sujeitos e objetos de valor e de que forma essas construções afetam a percepção e o envolvimento do leitor com a narrativa?

A análise proposta neste artigo se justifica pela importância de compreender como os elementos semióticos e narrativos são empregados na construção do conto “O Filho” de Rubem Fonseca. Por meio da teoria semiótica buscamos desvendar as complexas relações entre os personagens, os conflitos e os objetos de valor presentes na narrativa. Ademais, essa pesquisa se propõe a contribuir para o campo dos estudos literários, visto que oferece uma análise detalhada e crítica desse conto, destacando suas variações narrativas e seus significados implícitos.

Acrescenta-se ainda que a análise da narrativa “O Filho”, evidencia uma série de aspectos estruturais e temáticos que se entrelaçam para construir uma história complexa e impactante. Percebe-se uma conjunção e disjunção do sujeito com o objeto. A personagem principal, Jéssica, representa o sujeito que está em conjunção com um objeto (a gravidez). Inicialmente, esta conjunção ocorre em um estado disfórico, pois ela não deseja a gravidez. A mãe, agindo como um sujeito destinador, manipula Jéssica ao intimidá-la e sugerir o aborto, intensificando o estado disfórico da filha.

Posto isso, destaca-se que a análise foi realizada a partir da teoria semiótica que estuda a construção da significação dos textos. Barros (2008, p. 7) afirma que “a semiótica tem por objetivo o texto, ou melhor, procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz”. Analisaram-se os elementos do “percurso gerativo no qual se analisa como os elementos semânticos são selecionados e relacionados com os sujeitos” (Barros, 2008, p. 43), o qual é constituído de três níveis: o fundamental, o narrativo e o discursivo.

No nível fundamental, foram analisadas as oposições semânticas que estão na base do texto. De acordo com os estudos de Barros (2008, p. 10), “os termos das oposições semânticas formam categorias semânticas e são determinados como positivos ou eufóricos e negativos ou disfóricos”. No início da narrativa, o sujeito (Jéssica) encontra-se em estado de euforia com a gravidez, mas no



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

CONFLITOS, MANIPULAÇÕES E VALORES EM JOGO: ANÁLISE SEMIÓTICA DO CONTO “O FILHO” DE RUBEM FONSECA
Helena Teresinha Reinehr Stoffel, Elaine Daniela Ferreira da Silva, Elisangela Draghetti Schuh, Gilberto Luiz Zattera,
Marcia Andreia Gayardo, Michelle de Fátima Gonçalves, Valéria Lúcia Albuquerque, Vivian Cristina Borges Hashitani, Wesley de Souza Lima

decorrer da narrativa, esse estado muda para disfórico. Por alguns momentos, Jéssica decidiu ter o filho e durante a gravidez demonstrava ter afeto, falava que seria uma bebê grande, mas a mãe não aceitava por não ter condições. No entanto, quando Jéssica falou que poderia vender o bebê, desde que ninguém soubesse, dona Benedita, a mãe, ficou interessada, pois viu a possibilidade de faturar com a venda do bebê.

Há uma demonstração da brutalidade, monstruosidade e perversão que permeiam a narrativa, por meio das quais percebe-se que Rubem Fonseca faz referência à afetividade inexistente. Conforme Fiorin (1999, p. 22), no nível narrativo, “sujeito e objeto são papéis narrativos que podem ser representados num nível mais superficial por coisas, pessoas ou animais”. O conto analisado traz no enredo a história de uma jovem menor de idade, grávida de pai desconhecido, e da mãe que planeja vender o bebê da filha para comprar uma dentadura. É um texto bastante chocante que tem como elementos principais conflitos, os desequilíbrios, a ganância, a tentação, a obsessão pelo dinheiro e, principalmente, o crime, o falso valor de vida que considera a pessoa como produto. Observou-se, ainda, os valores que estão em jogo na narrativa, os conflitos, os desequilíbrios e os contratos que marcam a relação das personagens Jéssica (filha), D. Benedita (mãe de Jéssica), D. Gertrudes (parteira) e Kate (amiga de Jéssica que já vendeu um bebê).

Esses sujeitos vão se alternando conforme segue o enredo, e a relação deles com o objeto também. No início da narrativa, o sujeito é Jéssica e a relação de junção existente entre o sujeito “Jéssica” e o valor “bebê” está determinada como uma relação desejável. Jéssica quer o bebê e isto é possível, porém ela deseja ter o bebê para poder vendê-lo, ou seja, ele é um objeto de valor. Mais adiante, o sujeito passa a ser D. Benedita, mãe de Jéssica. Para ela, o objeto “bebê” representa o valor de uma dentadura. Da mesma forma como o sujeito e o “destinador-manipulador” (Barros, 2008, p. 29) vão sendo alternados, também vai mudando a relação dos sujeitos com os valores. No conto, essa relação pode ser observada entre os sujeitos (Jéssica e sua mãe), com o objeto de valor que é o bebê.

Em relação à sintaxe narrativa, que é definida como mudança de estado em termos de conjunção e disjunção, a história se apresenta com seus personagens e seus papéis e com as transformações dos sujeitos que agem em busca dos valores investidos nos objetos e promovem, dessa forma, mudanças do estado das coisas.

Quanto aos traços estilísticos, o foco narrativo do texto está na terceira pessoa do singular e usa discurso direto e indireto alterando com a fala do narrador. Isso, de certa forma, estabelece uma comunicação com o leitor. Quanto à figuração é denotativo, com a linguagem procurando retratar fielmente as ações das quatro personagens, com descrições que levam o receptor a criar uma imagem, ou seja, a figurativização se faz presente, como se fosse uma imagem real.

No nível discursivo percebe-se que tem uma defesa ideológica (Bakhtin, 2000), ou seja, é possível constatar que o autor se posiciona contra o aborto, mas não se manifesta claramente. No entanto, o receptor com seu conhecimento de mundo, através da intertextualidade e das marcas linguísticas deixadas pelo emissor ao longo do discurso, é que vai construir essa significação que está



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

CONFLITOS, MANIPULAÇÕES E VALORES EM JOGO: ANÁLISE SEMIÓTICA DO CONTO “O FILHO” DE RUBEM FONSECA
Helena Teresinha Reinehr Stoffel, Elaine Daniela Ferreira da Silva, Elisangela Draghetto Schuh, Gilberto Luiz Zattera,
Marcia Andreia Gayardo, Michelle de Fátima Gonçalves, Valéria Lúcia Albuquerque, Vivian Cristina Borges Hashitani, Wesley de Souza Lima

subentendida. É uma refração, ou seja, uma interpretação, um olhar devolvido ao leitor, a qual pode ser comparada à imagem de um espelho que reflete a imagem da pessoa.

O artigo está organizado em seções. Na primeira apresenta-se a introdução. Na segunda, traz-se a concepção de texto e textualidade e por fim, apresenta-se a análise do conto “O Filho”, a qual é seguida pela conclusão.

1. CONCEPÇÃO DE TEXTO E TEXTUALIDADE

Barros (2008) define o texto como um “todo de sentido”, um objeto de comunicação entre dois sujeitos, um destinador e um destinatário. A autora ressalta que o “texto só existe quando concebido na dualidade que o define – objeto de significância e objeto de comunicação” (Barros, 2008, p. 07), ou seja, é o diálogo entre o autor e o leitor. Sendo assim, “o texto pode ser concebido como um processo em andamento que produz algo que ainda não existe” (Iser, 2002, p. 105), e para que ele tenha vida precisa ser interpretado pelo receptor.

O autor ressalta que o “texto é composto por um mundo que ainda há de ser identificado e que é esboçado de modo a incitar o leitor a imaginá-lo e, por fim, interpretá-lo” (Iser, 2002, p. 107). Contudo, exige-se do receptor (leitor) mais do que interpretação, faz-se necessário uma reinterpretação que dará um novo sentido ao texto. Afinal, “oferecer uma interpretação é projetar um significado possível” (p. 380). Complementando essa afirmação Zilbermann (1989, p. 65) destaca que “o leitor contribui com as suas vivências pessoais e códigos coletivos para dar vida à obra e dialogar com ela”, em outras palavras, é o conhecimento prévio do leitor que vai contribuir para que ele complete o que está nas entrelinhas do texto. Pode-se dizer que os autores jogam com os leitores e, nesse jogo, o campo é o texto. Dito isso, entende-se que é “uma forma de encenação”, que é basicamente um meio de transpor fronteiras (Iser, 2002). O autor afirma que o jogo está no texto, e o texto faz o leitor jogar para construir a significância. Dessa forma, o texto incita a imaginação e a interpretação do leitor, e, ao fazer isso, o leitor transgride o real.

O jogo do texto “encena uma transformação e, ao mesmo tempo, revela como se faz a encenação” (Iser, 2002, p. 117). Esse jogo permite a produtividade, proporciona nova (re)interpretação por meio da relação entre “o autor, o texto, e o leitor, que estão intimamente interconectados num processo em andamento”, para dar vida e produzir algo que antes não existia (p. 105). Isto significa que o jogo do texto só acaba quando não há mais nada para ser descoberto, quando se esgotaram todas as possibilidades de interpretação (Iser, 2002).

Essa comunicação só acontece por meio de um contexto, porque o texto se manifesta através da linguagem. Sendo assim, ele possui uma estrutura de apelo, por isso, “o leitor converte-se em uma peça essencial da obra, que só é compreendida em modalidade de comunicação” (Zilbermann, 1989, p. 15). Para essa autora o texto é um objeto estético sempre que possibilita ser recriado e quando a relação estabelecida entre o texto e o leitor é proporcional, o que Jauss (2002) define como prazer estético.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

CONFLITOS, MANIPULAÇÕES E VALORES EM JOGO: ANÁLISE SEMIÓTICA DO CONTO “O FILHO” DE RUBEM FONSECA
Helena Teresinha Reinehr Stoffel, Elaine Daniela Ferreira da Silva, Elisangela Draghetto Schuh, Gilberto Luiz Zattera,
Marcia Andreia Gayardo, Michelle de Fátima Gonçalves, Valéria Lúcia Albuquerque, Vivian Cristina Borges Hashitani, Wesley de Souza Lima

A definição de texto foi elaborada por Kristeva (1969) que o define como um “aparato translinguístico que redistribui a ordem da língua”. O texto é uma produtividade, é o teatro de uma produção em que se reúnem o produtor e seu leitor. No entanto, de acordo com Barthes (2004), é a significância que dá produtividade, ou seja, é o processo de fazer, que é denominado como *poíesis*, que “corresponde ao prazer de se sentir coautor da obra” (Jauss, 2002, p. 55). É como se o receptor participasse da produção, como descrito por Kristeva (1969).

Do ponto de vista de Thompson (1995, p. 357), o texto é uma “construção significativa que exige uma interpretação”, a qual passa por uma análise interpretativa e submete o texto a transformações complexas, o que “provoca um aumento de significância”, em outras palavras, essa função pode ser chamada de criativa e tende a produzir novos significados. Lotman (2003, p. 02) argumenta que na função criativa a inferência transforma um texto de forma produtiva, porque a inferência aumenta a significância e produz novos significados. Portanto, por meio dessa significância se fazem relações com outros textos provocando a intertextualidade.

Partindo do pressuposto de que o texto é um todo de significação e sempre há um locutor e um ouvinte, pode-se dizer que o conto, “O Filho”, precisa da mediação entre autor e leitor. Afinal, um texto sem receptor, não é texto, portanto, não tem vida. Ele precisa da produtividade do receptor para ser texto, mas, este não mostra tudo, precisa ser completado pelo receptor (Eco, 2008), uma vez que o escritor sempre deixa lacunas para que o receptor possa completá-las. Barthes (2004) alega que o autor está morto, isso significa que é a produtividade do receptor que vai construir a significação no texto. Já Eco (2008, p. 38) sustenta que “o texto é preguiçoso” e dá margem para a coprodução de sentidos, e esse fato instiga, é sedutor, portanto, cabe ao receptor construir e dar vida ao texto.

O texto está, pois, entremeado de espaços em branco, de interstícios a serem preenchidos, e quem o emitiu previa que esses espaços e interstícios seriam preenchidos e os deixou brancos por duas razões. Antes de tudo, porque um texto é um mecanismo preguiçoso (ou econômico) que da valorização de sentido que o destinatário ali introduziu em segundo lugar, ... porque o texto quer deixar ao leitor a iniciativa interpretativa Todo texto quer que alguém o ajude a funcionar. (Eco, 2008, p. 37)

Um texto oferece uma certa liberdade ao receptor, que, com seu conhecimento de mundo, fará maior ou menor número de inferências, criando a significação, que se alcança através da produtividade. Desse modo, cabe ao receptor usar o seu conhecimento e dar vida ao texto interpretando-o até o limite, até descobrir tudo o que está nas entrelinhas, buscando na intertextualidade informações que possam contribuir para dar maior significância a ele, mantendo um diálogo com o texto, que é um gerador de significados” (Lotman, 2003, p. 01) e depende da interpretação do receptor para ganhar vida.

Afinal, a multiplicidade do texto é deduzida pelo leitor, não pelo autor, uma vez que, a unidade de um texto não está em sua origem, mas em seu destino (Barthes, 2004), ou seja, cabe ao leitor construir a significância como se fosse um quebra-cabeças. Isto posto, Kristeva (2012), em consonância com Ronald Barthes, diz que “todo texto se constrói como mosaico de citações”, e que o lugar onde esse mosaico de citações se constrói é o próprio leitor. E quanto mais conhecimento textual



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

CONFLITOS, MANIPULAÇÕES E VALORES EM JOGO: ANÁLISE SEMIÓTICA DO CONTO “O FILHO” DE RUBEM FONSECA
Helena Teresinha Reinehr Stoffel, Elaine Daniela Ferreira da Silva, Elisangela Draghetti Schuh, Gilberto Luiz Zattera,
Marcia Andreia Gayardo, Michelle de Fátima Gonçalves, Valéria Lúcia Albuquerque, Vivian Cristina Borges Hashitani, Wesley de Souza Lima

o leitor tiver, quanto mais variedades de gêneros textuais ele já tiver lido, mais fácil será sua compreensão (Kleimann, 2008).

Pelo exposto até aqui sobre texto e textualidade, denota-se a importância da interação do leitor com o texto para a coprodução de sentidos. Os conceitos de texto retratados neste capítulo foram aplicados à análise semiótica do conto “O Filho”, de Rubem Fonseca, que apresentamos na próxima seção.

2. ANÁLISE SEMIÓTICA DO CONTO “O FILHO”¹ DE RUBEM FONSECA

Interpretar um texto não é dar-lhe um sentido (mais ou menos esclarecido, mais ou menos livre), é, ao contrário, observar de que plural ele é feito (Ronald Barthes).

Ao analisar a narrativa constata-se que há transformações e conflitos que transpassam o conto. A metamorfose do sujeito de estado para sujeito de ação se reflete claramente ao longo do texto, visto que, inicialmente Jéssica manifesta o desejo de abortar e na sequência expressa o desejo de manter a gravidez, fato que se percebe pelas falas dela ao falar do parto e dos cuidados que vai ter com o bebê. O conflito surge quando Jéssica e sua mãe passam a discordar em relação ao bebê, fato esse que gera tensão e movimento na narrativa. Ao longo da leitura percebe-se a transposição de um estado inicial, isto é, “a transformação que conduz a um estado final” (Silva, 2019, p. 204).

As narrativas têm ainda uma organização canônica em que três percursos se relacionam hierarquicamente por pressuposição, são eles: a manipulação, a ação e a sanção. No percurso da manipulação, um sujeito age sobre o outro para levá-lo a querer e/ou dever fazer alguma coisa. No segundo percurso, o da ação, há dois programas fundamentais: o da competência e o da performance. O programa da performance é onde ocorre a ação central da narrativa, nesse programa o valor do objeto é um valor descritivo, isto é, o valor final que se busca na narrativa. Com a finalidade de chegar à aquisição desse valor descritivo, o sujeito precisa ser competente para tal, para isso adquire um saber e/ou poder, valores chamados modais, e necessários ao sujeito para realizar a performance, fase em que ocorre a transformação. A sanção é a última etapa da organização narrativa. É nesse momento que um sujeito destinador-julgador avalia se foi cumprido ou não um dado contrato

A forma como o autor expôs os fatos ao longo da narrativa tornou-a absolutamente convincente, criou o efeito de veracidade, um efeito de veridicção (Barros, 2008), porque a monstruosidade e a falta de amor chocaram o leitor. Essas afirmações podem ser comprovadas através do discurso usado pelo autor, visto que, a narrativa inicia com um conflito e desequilíbrio: “Jéssica tinha 16 anos quando ficou grávida. / É melhor tirar, disse a mãe dela. Você sabe quem é o pai? /Jéssica não sabia. Respondeu, não interessa quem é o pai, são todos uns merdas”.

¹ Ver o conto “o Filho, de Rubem Fonseca” no Link: <http://totodenadie.blogspot.com.br/2015/07/rubem-fonseca-o-filho.html>



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

CONFLITOS, MANIPULAÇÕES E VALORES EM JOGO: ANÁLISE SEMIÓTICA DO CONTO “O FILHO” DE RUBEM FONSECA
Helena Teresinha Reinehr Stoffel, Elaine Daniela Ferreira da Silva, Elisângela Draghetto Schuh, Gilberto Luiz Zattera,
Marcia Andreia Gayardo, Michelle de Fátima Gonçalves, Valéria Lúcia Albuquerque, Vivian Cristina Borges Hashitani, Wesley de Souza Lima

O sujeito da narrativa é Jéssica que está em conjunção com um objeto que é a gravidez (o filho). Essa conjunção com o objeto se dá no estado de disforia, porque ela está conjunta com um objeto que ela detesta, que ela não quer. A mãe funciona como sujeito destinador, aquele que dá a ela a incumbência daquilo que ela deve fazer, “É melhor tirar, disse a mãe dela”. Percebe-se que a mãe manipula Jéssica através da intimidação, uma espécie de provocação, “Você sabe quem é o pai?” Percebe-se neste trecho da narrativa o enunciado de estado, que é responsável pelo estabelecimento de uma relação de junção entre um sujeito (Jéssica) e um objeto (bebê). Junção é a relação que determina o estado, a situação do sujeito em relação a um objeto qualquer (Barros, 2008, p. 17).

Enunciados de estados, de acordo com Fiorin (1997, p. 21), “são os que estabelecem uma relação de junção (disjunção ou conjunção) entre um sujeito e um objeto”. Assim, é no enunciado de estado que a relação de posse ou de privação entre um sujeito e um objeto qualquer é estabelecida.

O narrador, ao descrever o sujeito, usa características bastante convincentes no seu discurso. “Jessica tinha 16 anos quando ficou grávida”. Em primeiro lugar, ela é imatura, é uma adolescente. Em segundo lugar, uma gravidez indesejada de um pai desconhecido. Nas três primeiras linhas da narrativa Rubem Fonseca, usa um discurso bem convincente. Pode-se dizer que o convencimento se dá também pelo diálogo, visto que, não há descrição, apenas colocações, elementos muito claros e precisos, ou seja, vários enunciados narrativos. Jéssica tem 16 anos. Jéssica está grávida. A mãe diz que ela deve tirar o filho. Jéssica não sabe quem é o pai. E segue com a opinião de Jéssica em relação aos homens, “são todos uns merdas”, não há pai, há merda, pai é um merda. Está presente o efeito sensorial e o uso da linguagem informal por parte do autor.

A narrativa começa com uma situação de desequilíbrio que é o fato da menina ser menor de idade e estar grávida. O equilíbrio é o pressuposto, ela poderia ser uma adolescente com uma vida normal, o desequilíbrio está na gravidez. Ela precisa agir para transformar, quer se livrar do objeto indesejado. Observam-se nesta parte do enredo que há os enunciados de estado e os enunciados de fazer (Barros, 2008, p.17). Em um enunciado de estado, de acordo com Silva (2019, p. 204),

O sujeito e o objeto mantêm entre si uma relação de transitividade estática, uma relação de estar com o objeto (conjunção) ou de estar na ausência do objeto, sem ele (disjunção). Nos enunciados de fazer ou de transformação há uma relação dinâmica entre sujeito e objeto. Assim, nesse jogo de dinamicidade, os sujeitos fazem projeções e investimentos nos objetos, transformando-os em objeto-valor, pelos quais eles têm acesso aos valores da vida, que os impulsionam à passagem de um estado a outro.

No transcorrer da narrativa percebe-se nitidamente essa transitividade. Hora Jéssica deseja estar com o objeto (o bebê), hora quer se livrar dele. Isto posto, “o objeto de uma transformação é sempre um enunciado de estado” (Barros, 2010, p. 19). Os enunciados de fazer “são os que mostram as transformações, os que correspondem à passagem de um enunciado de estado a outro” (Fiorin, 1997, p. 21).

Essa transformação pode ser constatada na narrativa em análise, pois, o sujeito de estado passa a ser um sujeito de ação, isto é, a combinação de fazer o aborto. “Combinaram que iam fazer o aborto na casa da mãe de santo d. Gertrudes, que fazia todos os partos e abortos daquela



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

CONFLITOS, MANIPULAÇÕES E VALORES EM JOGO: ANÁLISE SEMIÓTICA DO CONTO “O FILHO” DE RUBEM FONSECA
Helena Teresinha Reinehr Stoffel, Elaine Daniela Ferreira da Silva, Elisangela Draghetti Schuh, Gilberto Luiz Zattera,
Marcia Andreia Gayardo, Michelle de Fátima Gonçalves, Valéria Lúcia Albuquerque, Vivian Cristina Borges Hashitani, Wesley de Souza Lima

comunidade”. O sujeito de ação é a dona Gertrudes, que é apresentada através de apelos visuais. A figurativização dela se dá no texto pela descrição visual da sua fisionomia: “era uma mulher gorda, muito gorda, preta, muito preta”. Cria-se uma figura, D. Gertrudes é figurativizada, ganha forma e concretude. Ao mesmo tempo, é possível afirmar que há uma “isotopia temática”, que decorre da repetição de unidades semânticas, “preta, muito preta, gorda, muito gorda”. Há também, uma “isotopia figurativa” caracterizada pela redundância (Barros, 2008, p. 75).

É através de percursos figurativos que o autor pode criar efeitos de sentido. A descrição detalhada dos sujeitos, bem como do objeto-valor, estabelece uma relação com o percurso temático e vai construindo a coerência semântica do discurso. Com isso, é possível a concretização figurativa do conteúdo, e cria a “modalização veridictória”, os efeitos de veracidade, sobretudo da realidade (Barros, 2008, p. 47). É o sujeito da enunciação o responsável pelo revestimento temático e figurativo do discurso. É com esses mecanismos de tematização e figurativização que ele dota o seu discurso de coerência semântica e cria efeitos de realidade.

Além disso, D. Gertrudes é apresentada através de um processo de humanização, ela faz coisas para vencer o mal. “Suas rezas para afugentar os maus espíritos eram extremamente eficazes. D. Gertrudes fazia conjurações, proferindo imprecações e rogando pragas misturadas com bênçãos; fazia orações contra o quebranto e o mau-olhado; orações contra os espíritos obsessivos; orações para fechar o corpo contra todos os males; orações para exorcizar o demônio. E tinha uma oração especial, a Oração da Cabra Preta”.

O uso da expressão “a Oração da Cabra Preta” remete ao aborto. D. Gertrudes faz a oração da cabra preta, e ela mesma é preta. Tem repetições, fazia orações, orações, orações, reza, como se fosse uma ladainha. Percebe-se uma sonoridade que também envolve o receptor. A forma como descrevem a D. Gertrudes é como se fosse uma ladainha, a forma como ela fala, a forma como ela age. Tem-se em D. Gertrudes um agente figurativizado, e esse agente, na forma da religiosidade, vinculada “a preta, gorda, muito gorda”, tem o poder de fazer, o poder de fazer o aborto, dar competência a Jéssica de se livrar do objeto que ela não suporta, o objeto transformador (o bebê). A partir dali, D. Gertrudes assume o papel de destinador, aquele que tem o poder de transferir ou dar a competência necessária ao sujeito para que sua performance seja concretizada.

Nos versos seguintes, há uma mudança de estado. “Na véspera de realizar o aborto, Jéssica falou com a mãe que havia decidido ter o filho e que se fosse menino ia se chamar Maicon e se fosse menina, Daiana”. O estado disfórico passa a aparentar um estado eufórico, parece ser, no entanto, não se tem certeza. Na continuidade da narrativa, tem-se um sujeito (Jéssica) que quer ter o filho. “Vai ter o filho? / Vou. / Ficou maluca. Como é que você vai criar? / Qual o problema? Se der muito trabalho eu posso dar o bebê, ou melhor, posso vender. Tem um monte de gente interessada em comprar bebês. A Kate vendeu o bebê, você sabia? / Vendeu? / Vendeu. Mas não conta para ninguém. Ela me pediu segredo” (Fonseca, 2013).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

CONFLITOS, MANIPULAÇÕES E VALORES EM JOGO: ANÁLISE SEMIÓTICA DO CONTO “O FILHO” DE RUBEM FONSECA
Helena Teresinha Reinehr Stoffel, Elaine Daniela Ferreira da Silva, Elisangela Draghetti Schuh, Gilberto Luiz Zattera,
Marcia Andreia Gayardo, Michelle de Fátima Gonçalves, Valéria Lúcia Albuquerque, Vivian Cristina Borges Hashitani, Wesley de Souza Lima

Constata-se novamente a interferência da mãe como um sujeito destinador querendo intimidar a menina: “Como é que você vai criar?”. É uma intimidação do destinador-manipulador (Barros, 2008, p. 29). Quando ela diz, “Eu posso dar ou posso vender”, a veridicção em relação a esse sujeito se transforma, ou seja, passa da aceitação para a transformação, momento em que o objeto (bebê) muda de valor. O objeto passa a ter valor financeiro. Antes era um estorvo. Agora tem valor monetário.

Na frase, “Vendeu. Mas não conta para ninguém. Ela me pediu segredo”, o termo ‘segredo’, guarda um crime.

Percebe que há uma questão de dissociação, Kate, uma amiga de Jessica vendeu seu bebê, e não falou para ninguém, falou que deu o bebê, era um segredo de Kate, mas, a mãe de Jéssica quis saber para quem vendeu, por quanto, pois, ela tinha interesse em vender o bebê da Jessica. Há uma dissociação presente na narrativa, a qual está no fato da Kate não ter contado aos pais que vendeu o filho para não ter que dividir o dinheiro com eles. A não partilha do dinheiro e o fato de não contar que vendeu, pode ser inferido como um lusco fusco constante. Fazer o aborto ou vender o bebê, ambas são ações de uma brutalidade sem precedentes. Kate contou para Jéssica que vendeu seu bebê, mas, pelo fato de ter pedido segredo, pode-se depreender que Kate tem consciência do ato ilícito que cometeu. O valor que se guarda atrás dessa palavra é um crime. O fato da mãe se dar conta que o filho de Jéssica poderia ser vendido, fez ela mudar de opinião em relação ao bebê.

Na sequência a narrativa traz o seguinte trecho: “Naquele mesmo dia, a mãe de Jéssica, d. Benedita, foi procurar a Kate. / Quando d. Benedita falou sobre a venda do bebê, Kate ficou branca. / O pessoal não pode saber, pelo amor de Deus, o pessoal não pode saber. Por quê? Qual o problema? / Eu não disse lá em casa que tinha vendido, disse que tinha dado. Fiquei com o dinheiro só para mim, se o meu pai e a minha mãe souberem vão me encher de porrada. / Quanto lhe pagaram? / Não digo, não digo. / Quem comprou? / Chega, d. Benedita. / Kate se afastou correndo” (Fonseca, 2013).

Constata-se que o sujeito de ação passa a ser D. Benedita, mãe de Jéssica, usa a intimidação, que é uma das quatro grandes classes da manipulação através da qual ela intimida Kate e atua como um agente destinador.

A manipulação é uma fase da narrativa, na qual um sujeito age sobre outro para levá-lo a querer e/ou dever fazer alguma coisa, ou seja, um destinador manipulador atribui ou doa a outro sujeito as modalidades do querer fazer, dever fazer (que virtualizam um sujeito); poder fazer, saber fazer (que capacitam o sujeito para a ação, tornando-o competente para agir). “Na manipulação, o destinador propõe um contrato e exerce a persuasão para convencer o destinatário a aceitá-lo” (Barros, 2008, p. 28-29).

E a expressão “Kate ficou branca”, pode-se dizer que faz relação com o segredo anterior. O segredo que esconde um crime. “Eu não disse lá em casa que tinha vendido, disse que tinha dado. Fiquei com o dinheiro só para mim, se o meu pai e a minha mãe souberem vão me encher de porrada”. Kate atua como alguém que rompeu um contrato. Infere-se que ela tinha um acordo de cooperação com a família, e ao descumprir esse acordo, rompeu com um contrato familiar, pois, ficou com o



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

CONFLITOS, MANIPULAÇÕES E VALORES EM JOGO: ANÁLISE SEMIÓTICA DO CONTO “O FILHO” DE RUBEM FONSECA
Helena Teresinha Reinehr Stoffel, Elaine Daniela Ferreira da Silva, Elisangela Draghetto Schuh, Gilberto Luiz Zattera,
Marcia Andreia Gayardo, Michelle de Fátima Gonçalves, Valéria Lúcia Albuquerque, Vivian Cristina Borges Hashitani, Wesley de Souza Lima

dinheiro só para ela. Ela vendeu o bebê e o dinheiro é dela. Quando Kate assume que não quer que a família saiba da venda, ela tem medo do crime que cometeu, não o crime da venda do bebê, que é um crime social, mas sim, o crime de ter rompido um contrato familiar.

Percebe-se, assim, a coesão do texto. Kate nega que tenha vendido o bebê. O tema crime se desdobra em tema da negação da cooperação familiar. Ou seja, todo mundo na família é pobre, logo, todos precisam de dinheiro. O texto é coeso, mas muda de ângulo. O que está em jogo não é o crime da venda do bebê, mas sim, o crime da negação do dinheiro em casa. Kate rompe esse contrato, e quem a leva a declarar isso é dona Benedita, que não consegue persuadi-la a dizer a quem vendeu e por quanto ela vendeu: “Quanto lhe pagaram? / Não digo, não digo. / Quem comprou.?” E para não ceder à persuasão, ela foge. ‘Chega, d. Benedita. / Kate se afastou correndo’. Percebe-se aí uma transformação do sujeito, que age, fugindo, para não se submeter a D. Gertrudes.

A narrativa continua com ‘D. Gertrudes que fez repetidas vezes o sinal da cruz e começou a orar em voz alta’. Nessa frase, Rubem Fonseca faz uma descrição por meio de enunciados e cria a imagem da Mãe de Santo, ou seja, ela é figurativizada mais uma vez, e com essa descrição o leitor pode mentalizar a figura dela.

Em termos de enunciação, ao analisar as frases: “não interessa quem é o pai, são todos uns merdas / Ficou maluca. Como é que você vai criar? / Qual o problema? / Vendeu? / Vendeu. Mas não conta para ninguém. Ela me pediu segredo”, constata-se que o registro da linguagem é elevado, não é vulgar, não é mais uma linguagem popular, parece um discurso litúrgico:

Eu, como criatura de Deus, feita à Sua semelhança e remida com o Seu santíssimo sangue, vos ponho preceito, demônio ou demônios, para que cessem os vossos delírios, para que esta criatura não seja jamais por vós atormentada com as vossas fúrias infernais. Pois o nome do Senhor é forte e poderoso, por quem eu vos cito e notifico, que vos ausenteis deste lugar que Deus Nosso Senhor vos destinar; porque com o nome de Jesus vos piso e rebato e vos aborreço do meu pensamento para fora. O Senhor esteja comigo e com todos nós, ausentes e presentes, para que tu, demônio, não possas jamais atormentar as criaturas do Senhor. Amarro-vos com as cadeias de São Paulo e com a toalha que limpou o santo rosto de Jesus Cristo para que jamais possais atormentar os viventes (Fonseca, 2013).

O discurso usado por dona Gertrudes é como se ela estivesse excomungando o demônio. Mas nessa linguagem litúrgica percebe-se que há um pedido voltado para o mal, uma oração de dominação da mente da Kate, para que ela conte a quem vendeu o bebê e quanto ganhou. Então, para desfazer o segredo, D. Gertrudes usa todo o seu poder e suas forças: “Depois de recitar a sua oração, d. Gertrudes rodopiou pela sala e caiu no chão, desmaiada”. Com esse ocorrido é possível inferir que a Mãe de Santo é poderosa, incorporou e usou tanta energia que, ao finalizar, desmaiou.

Nesse fragmento da narrativa tem-se um paradoxo. É uma reza, ou melhor, é um rito religioso para o mal. A reza como nós conhecemos é para o bem. E dona Benedita foi encomendar uma reza para espantar o demônio. Com esses recursos da linguagem, constata-se que estamos diante de uma alternativa para constituir a veracidade do conto. O receptor não se dá conta de que o registro da linguagem mudou, porém, esse registro tem razão de ser: é para instituir o poder dessa mulher sobre



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

CONFLITOS, MANIPULAÇÕES E VALORES EM JOGO: ANÁLISE SEMIÓTICA DO CONTO “O FILHO” DE RUBEM FONSECA
Helena Teresinha Reinehr Stoffel, Elaine Daniela Ferreira da Silva, Elisangela Draghetti Schuh, Gilberto Luiz Zattera,
Marcia Andreia Gayardo, Michelle de Fátima Gonçalves, Valéria Lúcia Albuquerque, Vivian Cristina Borges Hashitani, Wesley de Souza Lima

a feitiçaria em nome de Deus, e que Jesus não permita que esses demônios atormentem os vivos. O registro da linguagem mudou para dar coesão ao texto, e o discurso tenta convencer, causando um efeito de veracidade.

Ao continuar a narrativa, mais uma vez muda o sujeito de ação: “D. Benedita voltou a se encontrar com Kate, que, como se estivesse em transe, lhe contou quem comprara o bebê, a quantia, tudo. / Mas D. Benedita não disse isso para Jéssica. Estava decidida a vender o bebê ela mesma, pois precisava de dinheiro para comprar uma dentadura”. D. Benedita está dissociada de um saber, e o objeto que ela procura é o conhecimento do comprador, ou seja, o conhecimento da quantia, o objeto passa a ser o dinheiro, e por isso ela age, e ao agir ela consegue a ajuda da dona Gertrudes, que faz uma reza e leva a menina a um estado de transe. O transe é o contrário do saber, e o segredo se faz revelação por meio da intervenção de um sujeito destinador, que em vez de deixar a menina lúcida, a deixa alucinada.

Na sequência da narrativa Rubem Fonseca descreve o estado da figura de Jessica: “O tempo foi passando e a barriga de Jéssica crescendo. Jéssica era uma menina miúda, raquítica, não chegava a ter um metro e meio de altura, mas a sua barriga era imensa, e as pessoas diziam que nunca tinham visto uma barriga daquele tamanho”. Nesse momento da leitura o leitor está diante da figurativização da menina, “miúda, raquítica”.

Ao continuar a leitura observa-se que há aceitação do objeto, que deixa de ser uma condição de disforia e passa a ser objeto de euforia. Há um apego ao bebê. “Jéssica dormiu mal aquela noite, pensando no filho. Não ia vender o bebê, queria lhe dar de mamar, seus peitos já estavam cheios de leite. / No dia seguinte, levando um pequeno cobertor e um lençol rendado para agasalhar o bebê, Jéssica foi para a casa de d. Gertrudes”. O fato de ter usado a expressão “lençol rendado”, infere-se cuidado e zelo em relação ao menino que estava por nascer. Tem-se nessa expressão um elemento descritivo que está externando um afeto, uma paixão de Jessica em relação ao filho.

Analisando o próximo parágrafo observa-se que estamos diante de um conflito: “D. Benedita fez questão de acompanhá-la. Seu plano era pegar o bebê imediatamente após o parto e sair correndo com ele debaixo do braço para se encontrar com o comprador de bebês, com quem ela já havia combinado tudo. *Ela também havia levado panos para envolver o bebê*”. Tem-se o bebê e duas posições divergentes: A menina que quer ficar com o bebê, e a mãe que quer vender. A partir dali surge uma indagação do receptor, uma curiosidade em saber como vai se dar essa disputa. O conflito entre dois agentes, em que cada um quer assumir a posse do objeto desejado. Para um, o objeto significa a dentadura; para outro, não se sabe, mas, de qualquer forma, representa valor financeiro, o dinheiro. O bebê é o objeto e o valor é a dentadura.

O conto envolve o receptor, porque está em constante movimento, e isso inspira curiosidade, instiga o leitor a querer chegar ao fim para saber o desfecho. A narrativa continua descrevendo o parto. “Correu normal. O bebê nasceu, era menino. / D. Benedita imediatamente olhou o bebê e saiu correndo da casa de d. Gertrudes. / Mas d. Benedita saiu correndo sem levar o bebê. Saiu sozinha com o olho



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

CONFLITOS, MANIPULAÇÕES E VALORES EM JOGO: ANÁLISE SEMIÓTICA DO CONTO “O FILHO” DE RUBEM FONSECA
Helena Teresinha Reinehr Stoffel, Elaine Daniela Ferreira da Silva, Elisangela Draghetti Schuh, Gilberto Luiz Zattera,
Marcia Andrea Gayardo, Michelle de Fátima Gonçalves, Valéria Lúcia Albuquerque, Vivian Cristina Borges Hashitani, Wesley de Souza Lima

arregalado como se Satanás tivesse entrado no seu corpo”. Nesse trecho, o que deveria ser conjunção, vai ser uma disjunção, um afastamento total (ou brutal) do objeto.

A narrativa é finalizada com: “D. Gertrudes envolveu o bebê nos panos que Jéssica trouxera. Pode levar o bebê para casa, disse d. Gertrudes. Jéssica então olhou o filho. Não disse uma palavra. Pegou o bebê envolto no cobertor e no pequeno lençol de renda e saiu da casa de d. Gertrudes. Foi caminhando lentamente pela rua até que encontrou a primeira lata de lixo grande. Então jogou o bebê na lata de lixo. O bebê era aleijado. Só tinha um braço. Ela não ia dar de mamar nem ninguém ia querer comprar aquela coisa”.

Esse parágrafo fecha o ciclo de desequilíbrio, constata-se que começo e fim da narrativa são iguais, iniciou com um desequilíbrio, uma gravidez indesejada de uma jovem menor de idade, e termina com um bebê jogado na lata de lixo. Um desequilíbrio total, porque a lata de lixo não é lugar de bebê. Lugar de bebê é com a família, deve ser amado e cuidado. No nível das estruturas fundamentais, o conto parte da oposição entre vida e morte, ter o bebê ou fazer aborto, vender ou não vender. O sentido fundamental da narrativa está nesses opostos. Trata-se da relação de oposição, ou seja, de “quadrado semiótico” (Barros, 2008, p. 77). O bebê, que inicialmente representa uma vida indesejada, transforma-se em um objeto de euforia temporária, apenas para ser descartado no final devido à sua condição física. Esta ação final realça a oposição fundamental entre vida e morte na narrativa, onde a vida do bebê é constantemente negociada e redefinida em termos de valor financeiro e social.

Para Jéssica e D. Benedita, a vida representa um valor financeiro. O bebê, forte, belo e grande, significa dinheiro. Já a morte é uma forma de gerar a vida para D. Benedita, ou seja, vendendo o bebê, de certa forma D. Benedita ganha mais vida, pode adquirir uma dentadura, com a qual ficará mais linda, poderá voltar a comer melhor, sentirá prazer em viver, mesmo que às custas da vida de um bebê. Kate também precisou de dinheiro, pois vendeu seu bebê. Percebe-se que o valor do objeto (bebê) representa vida para as pessoas que o cercam.

A personagem D. Gertrudes, ao longo da narrativa, é figurativizada por ações que levam o receptor a criar uma imagem real dela e também especificam a sua forma de vida: “ela era preta, muito preta, gorda, muito gorda, fazia orações”. Por sua vez, Jéssica também se concretiza no texto por meio de ações que produzem o efeito de sentido de verdade: primeiro ela queria ter o bebê, depois queria vender, precisava de dinheiro. D. Benedita também foi figurativizada, foi procurar Kate para saber como fez para vender o bebê e por quanto vendeu, e foi até a Mãe de Santo pedir ajuda. Essas figuras levam o enunciatário a crer nos fatos narrados que passam a ser percebidos como verdadeiros.

3. CONSIDERAÇÕES

A expressividade discursiva e as escolhas lexicais utilizadas pelo autor acentuam o suspense que antepõe-se ao longo do conto, fato que instiga e motiva o leitor a continuar a leitura para saber o desfecho desse enredo. Ao analisar o conto “O Filho”, de Rubem Fonseca, percebe-se os conflitos e valores em jogo e a dinâmica dos personagens evidencia tensão entre a disforia e a euforia, visto que,



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

CONFLITOS, MANIPULAÇÕES E VALORES EM JOGO: ANÁLISE SEMIÓTICA DO CONTO “O FILHO” DE RUBEM FONSECA
Helena Teresinha Reinehr Stoffel, Elaine Daniela Ferreira da Silva, Elisângela Draghetti Schuh, Gilberto Luiz Zattera,
Marcia Andreia Gayardo, Michelle de Fátima Gonçalves, Valéria Lúcia Albuquerque, Vivian Cristina Borges Hashitani, Wesley de Souza Lima

em dado momento Jéssica manifesta o desejo de abortar, apoiada pela mãe e, em outro momento, ela fala que quer ter bebê, mas, com o intuito de vendê-lo como se fosse uma mercadoria.

Para a semiótica o mais importante são os efeitos de pessoa, tempo e espaço construído pelo texto, sobretudo, se for um texto aberto que permite múltiplas interpretações. Sendo assim, “o texto pode ser concebido como um processo em andamento que produz algo que ainda não existe” (Iser, 2002), ou seja, para ter vida, precisa ser interpretado pelo leitor, receptor das informações.

O corpus que foi analisado é um texto aberto permeado de signos que permitem ser interpretados e dão vida ao texto. Exemplificando com a expressão “Kate ficou branca”, o termo, ‘branca’, remete a pálida, quer dizer que ela ficou com medo. E medo é um sentimento que provoca palidez. Isso não está escrito na narrativa, no entanto, o receptor com seu “aparato translínguístico” (Barthes, 2004, p. 169), ou seja, com seu conhecimento de mundo, precisa inferir. Mas essa significação só se alcança através da produtividade, afinal, segundo Kristeva (1969), texto é aquele cuja significação deve ser construída pelo receptor que vai lendo e fazendo as inferências e preenchendo as lacunas.

Esse artigo possibilitou compreender, com base no referencial teórico da semiótica, o modo como o emissor constrói sentidos em “O Filho”, conto de Rubem Fonseca. Observou-se, enquanto enunciatário-leitor, que o narrador descreveu as ações dos sujeitos, bem como as características físicas, de uma forma muito eficiente, o que possibilitou figurativizar as personagens. Com isso, os fatos narrados passam a ser percebidos como verdadeiros.

A narrativa aborda a ganância, a tentação, o aborto que remete ao crime e à violação aos direitos humanos. A coerência do texto está engendrada de uma forma que começo e fim são análogos. Inicia falando da gravidez e que a mãe sugere o aborto e termina com o bebê jogado no lixo, ou seja, a morte sugerida no início se concretizou ao final do conto, porém de outra forma, o bebê foi jogado no lixo. As escolhas são feitas e descritas com precisão: “Foi caminhando lentamente pela rua até que encontrou a primeira lata de lixo grande. Então jogou o bebê na lata de lixo”. As palavras utilizadas para narrar essa passagem informam o que acontece, ao mesmo tempo em que atestam a impossibilidade de dizer, de fato, o que acontece. Verificou-se nesse conto uma monstruosidade cometida por humanos, que, ao constatarem que o bebê não era perfeito fisicamente, se livraram dele, porque não poderia ser vendido, como um objeto, da forma que haviam planejado.

Dessa forma, é possível constatar que a narrativa é um todo concatenado. O conhecimento e a significação da narrativa se dão através do quadrado semiótico, ou seja, por meio da construção de elementos opostos ou elementos contrários (morte - vida) e pelo contraditório (morrer - não morrer; vender - não vender; contar - não contar; abortar - não abortar). Percebe-se que toda definição de conceitos parte de oposições que podem ser complementados pelos seus opostos e, simultaneamente, pelos seus elementos contraditórios (Barros, 2008). É importante ressaltar também que, quanto maior o conhecimento, melhores serão as inferências e maior será a produtividade feita pelo receptor. Sendo assim, o conto, talvez seja o gênero textual de maior destaque, por possibilitar que o receptor, com sua



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

CONFLITOS, MANIPULAÇÕES E VALORES EM JOGO: ANÁLISE SEMIÓTICA DO CONTO “O FILHO” DE RUBEM FONSECA
Helena Teresinha Reinehr Stoffel, Elaine Daniela Ferreira da Silva, Elisangela Draghetti Schuh, Gilberto Luiz Zattera,
Marcia Andreia Gayardo, Michelle de Fátima Gonçalves, Valéria Lúcia Albuquerque, Vivian Cristina Borges Hashitani, Wesley de Souza Lima

criatividade, dê vida ao texto, visto que ele incita a imaginação e a interpretação do leitor e, ao fazer isso, transgride o real e o imaginário.

Por fim, a narrativa utiliza uma combinação de técnicas estruturais e temáticas para explorar a complexidade das relações humanas em torno de uma gravidez indesejada, manipulando o leitor através de descrições vívidas, mudanças de estado e conflitos internos e externos dos personagens. Infere-se, portanto, que todos os personagens desse conto eram monstros, sem sentimentos de amor, e que Rubem Fonseca descreve uma monstruosidade que retrata o comércio de bebês.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. Os Gêneros do discurso. In: **Estética da Criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 277-287.
- BARROS, D. L. P. de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2008.
- BARROS, D. L. P. de. **Teoria Semiótica do Texto**. São Paulo: Ática, 2010.
- BARTHES, R. *Texto (teoria do)*. In: **Inéditos**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 261-289. Vol. 1.
- ECO, U. O leitor modelo. In: **Lector in fabula**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- FIORIN, J. L. **Elementos de análises do discurso**. São Paulo: Contexto, 1997.
- FIORIN, J. L. Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva. **Delta**, São Paulo, v. 15, n. 1 fev. 1999. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s010244501999000100009&lng=en&nrm=iso&lng=pt
- FONSECA, R. **Conto “O Filho”**. [S. l.: s. n.], 2013. Disponível em:
<http://totodenadie.blogspot.com.br/2015/07/rubem-fonseca-o-filho.html>
- ISER, W. O jogo do texto. In: JAUSS, H. R. *et al.* **A literatura e o leitor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- JAUSS, H. R. O prazer estético e as experiências fundamentais da Poiesis, Aisthesis e Katharsis. In: JAUSS, H. R. *et al.* **A literatura e o leitor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- KLEIMANN, A. **Texto e Leitor: aspectos positivos da leitura**. 11. ed. Campinas, SP: Pontes, 2008.
- KRISTEVA, J. **História da Linguagem**. Tradução: Maria Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 1969.
- KRISTEVA, J. **Introdução à semanálise**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- LOTMAN, I. M. La semiótica de la cultura y el concepto de texto. In: **Entretextos. Revista Electrónica Semestral de Estudios Semióticos de la Cultura**, n. 2, noviembre 2003. ISSN: 1696-7356.
- SILVA, F. V. M. da. Semiótica e Ensino: possibilidades para o trabalho com leitura no Ensino Fundamental. **Dossiê Temático - Contribuições da Semiótica e de Outras Teorias do Texto e do**



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

CONFLITOS, MANIPULAÇÕES E VALORES EM JOGO: ANÁLISE SEMIÓTICA DO CONTO "O FILHO" DE RUBEM FONSECA
Helena Teresinha Reinehr Stoffel, Elaine Daniela Ferreira da Silva, Elisangela Draghetti Schuh, Gilberto Luiz Zattera,

Marcia Andreia Gayardo, Michelle de Fátima Gonçalves, Valéria Lúcia Albuquerque, Vivian Cristina Borges Hashitani, Wesley de Souza Lima

Discurso ao Ensino, v. 15, n. 2, 2019. ISSN 1980-4016. Doi: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2019.160584>

THOMPSON, J. A metodologia da interpretação. *In: Ideologia e cultura moderna*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.

ZILBERMAN, R. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.